

## O BLOGUE COMO FERRAMENTA AUXILIAR NA APRENDIZAGEM COLABORATIVA

**Maria da Glória Santos, Maria Ivone Gaspar**

*LE@D, Universidade Aberta, estudante do MSVP, LE@D, Universidade Aberta*

[mariaqloriasls@gmail.com](mailto:mariaqloriasls@gmail.com) ; [miqaspar@uab.pt](mailto:miqaspar@uab.pt)

### **Resumo**

A diversidade de veículos para a aquisição de conhecimento e a sua facilitada disponibilização e banalização tendem, por vezes, a fragilizar a função de ensinar, dada por excelência à instituição escolar. Acontece que nenhum desses veículos ocupa o espaço da escola substituindo-a e, ainda menos, desempenha a função do professor. A finalidade maior da escola é a aprendizagem efetiva e real reconhecida não só na aquisição de conhecimentos mas também no desenvolvimento de capacidades, aptidões e, em particular, de competências. Contudo a escola não deve nem pode ignorar esses veículos mas sim integrá-los na racionalidade da sua utilização, potenciando a aprendizagem pretendida. Entende-se que a aprendizagem será melhor conseguida se for partilhada e distribuída através da relação multilateral. Nesse sentido, assume-se o paradigma interpessoal como gerador da comunidade que se dispõe a aprender, em ambientes recriados e reforçados pelas tecnologias de informação e comunicação. Seleciona-se o blogue como uma ferramenta que tem a particularidade de motivar a intervenção, lançando desafios que conduzem à interação. Assim, esta comunicação desenvolve-se em torno de três pontos que se sequenciam e interligam: o paradigma interpessoal, a aprendizagem colaborativa e o blogue, recorrendo a um estudo exploratório e descritivo.

Palavras-chave: paradigma interpessoal, blogue, aprendizagem colaborativa

### **Abstract**

The variety of means for the acquisition of knowledge and the easier access to it, as well as its trivialization, sometimes tends to weaken the function of teaching, which is mainly attributed to the school as an institution. Nonetheless, none of these means occupies the role of the school replacing it and it does not replace the teacher. The main purpose of school is effective and real learning recognized not only by the acquisition of knowledge but also by the development of skills, abilities, and in particular skills. However, school cannot and must not ignore these means; it should integrate them by rationalizing its use instead, enhancing the intended learning. It is assumed that learning is best achieved if shared and distributed through the multilateral relationship. Therefore, the interpersonal paradigm is regarded as a generator of the community that is willing to learn and it is rebuilt and reinforced by the information and communication technologies. The blog has been selected as a tool that has the particularity of motivating action, creating challenges that lead to interaction. Thus, this communication is developed around three points that are connected: the interpersonal paradigm, collaborative learning and the blog, using an exploratory and descriptive study.

Keywords: interpersonal paradigm, blog; collaborative learning

## 1. INTRODUÇÃO

Numa escola que, cada vez mais, se caracteriza como um espaço plural, do ponto de vista social e cultural, e em que as motivações, os interesses, as expectativas e as capacidades de aprendizagem dos alunos que a frequentam são muito díspares, torna-se necessário (re)pensar o ato de ensinar e aprender, de modo a ajustá-lo a essa mesma realidade.

À escola cabe a promoção de práticas democráticas e inclusivas, de modo a constituir-se uma janela geradora e potenciadora de igualdade de oportunidades, não podendo, por isso, isolar-se das influências e de todas as condicionantes externas, devendo conseguir dar resposta à diversidade cultural, social e psicológica dos seus alunos.

Em suma, a escola tem que estar preparada para responder a novas exigências, a novos desafios, a novas necessidades e a novas funções, no pressuposto de que a aprendizagem é também uma atividade social, enquanto a mesma escola deve promover a inovação.

Estando, hoje, a informação ao alcance de todos que têm diversos meios para a conseguir, o paradigma funcional do professor passou da transmissão para a promoção do conhecimento. Isto é, espera-se do professor que ensine a procurar, selecionar e reconstruir o conhecimento, visando o 'saber aprender' o 'saber fazer', o 'saber estar' e o 'saber ser', numa atitude de (re)descoberta.

É frequente atribuir-se às tecnologias uma função motivadora na aprendizagem e auxiliadora no desenvolvimento da autonomia, em relação à mesma aprendizagem.

Neste sentido, refere Pinto que

as TIC, ao tornarem mais amigável a realização de tarefas-padrão inerentes a situações educativas, por um lado, e ao requalificarem as tarefas, por outro, ampliando-as e dando-lhes uma qualidade insuspeita, estão a mudar as componentes activas das aprendizagens, tornando-as cada vez mais frequentes, mais consistentes e mais rentáveis (2001: 155).

Com efeito, as TIC encontram-se presentes no dia a dia dos nossos alunos e a sua não inclusão em sala de aula é inimaginável, tornando-se, por isso, fundamental que a escola consiga apresentar ambientes de aprendizagem que possam responder aos

desafios com que se depara. A integração dessas ferramentas na escola/sala de aula reveste-se de elevada importância nomeadamente na: (i) participação em projetos comuns; (ii) forma de ensinar e aprender; (iii) mais-valia que oferecem para os alunos que demonstram dificuldades de aprendizagem e de integração na vida escolar, permitindo e facilitando a colaboração entre todos. Ressalta, portanto, a importância da inclusão de novas ferramentas educacionais multimédia em sala de aula, nomeadamente do blogue. São várias as razões que podem ajudar a explicar e a justificar a opção por esta ferramenta tecnológica. O blogue é considerado como uma ferramenta que propicia e desenvolve a capacidade de trabalhar em grupo, ajudando no desenvolvimento de estratégias colaborativas, incentivando e aumentando a participação, o debate e as interações sociais entre alunos, entre alunos e professor e entre alunos e comunidade. Ou seja, o blogue surge como um meio de comunicação coletivo que *“promueve la creación y consumo de información original y veraz, y que provoca, con mucha eficiencia, la reflexión personal y social sobre los temas de los individuos, de los grupos y de la humanidad”* (Santamaría González, 2005: 3).

Nesta perspetiva, desenvolvemos um texto em torno de três ideias - a interessoalidade no ensinar e aprender, a aprendizagem colaborativa e o blogue - numa interligação conseqüente.

E, tendo em vista a problemática a abordar neste trabalho, entendeu-se que a opção por um estudo fundamentalmente exploratório e descritivo seria a mais adequada. Exploratório porque consideramos, tal como Meirinhos e Osório, que este trabalho pode constituir-se como *“o prelúdio para uma investigação subsequente”* (2010: 57) e descritivo porque pretendemos representar a descrição de um fenómeno (a implementação de um blogue escolar) inserido no contexto teórico aqui abordado. Neste sentido, pareceu-nos também relevante o conhecimento das características da temática em estudo e os seus aspetos mais significativos, que o carácter exploratório permitiu.

## **2. ENSINAR E APRENDER NO ÂMBITO DO PARADIGMA INTERPESSOAL**

Dada a heterogeneidade do público escolar não é mais possível *“ensinar a todos como se fossem um só, [tornando-se urgente] passar da lógica da uniformização à lógica da*

individualização; passar de uma lógica disciplinar, para uma lógica transdisciplinar; passar da rotina da lição, para a inquietude do projecto” (Barroso, 1999: 141). Este facto significa que se torna inadiável a reflexão sobre os princípios orientadores de paradigmas, por referência aos processos de ensinar e aprender, remetendo para a necessidade de recordar, em traços gerais, a respetiva fundamentação teórica, e de, em seguida, proceder à caracterização sucinta dos aspetos que influenciam o contexto educativo.

Daí que Gaspar, Pereira, Teixeira e Oliveira refiram que

em situação de aprendizagem diversificada, paradigmas diferentes serão norteadores fundamentais do ensino. Contudo, eles não poderão afirmar-se em exclusividade”, salientando ainda que “qualquer deles focaliza quer o ensino quer a aprendizagem com uma acentuação específica, obrigando [assim] a uma análise em separado (2008: 28).

Os paradigmas garantem, assim, a coerência interna de qualquer proposta na área da educação e fazem a articulação entre o que se faz e o que se pensa, permitindo ao professor o agir intencional. Para isso, é necessário que este estabeleça pontos de referência, a partir dos quais poderá exercer a sua dimensão hermenêutica: atribuir sentidos e produzir interpretações do que vive nas ações pedagógicas desenvolvidas, inserindo-as numa vertente teórica e tendo condições de propor a continuidade de uma reflexão-ação sobre o seu projeto educativo, fundamentando, desta forma, as suas práticas pedagógicas.

Assim, de acordo com o objeto deste trabalho, selecionámos o Paradigma Interpessoal que aponta para a aprendizagem, conseguida pela interrelação numa atitude construtivista do conhecimento. Em paralelo, vão-se fixando valores como a solidariedade e o respeito, entre muitos outros. Ao estimular as competências sociais, o Paradigma Interpessoal pode proporcionar ao aluno o desenvolvimento de uma maior capacidade para enfrentar as constantes mudanças e diversidades, o que de resto lhe será, mais tarde, exigido na atual sociedade da globalização e da informação. E, se um vetor deste paradigma é o ‘aprender a viver juntos’, a educação terá, neste contexto, de impulsionar a descoberta gradual do próprio indivíduo na relação com o

outro e favorecer a participação em projetos comuns, os quais podem ajudar a desenvolver a capacidade de comunicação e a partilha de conhecimentos. Assim, o objeto do mesmo paradigma cruza dois aspetos: o modelo de sociedade que desenha o ambiente de ensino/aprendizagem e a relação interpessoal que incentiva a aprendizagem, procurando-se o desenvolvimento de competências de partilha, de colaboração e de construção coletiva da aprendizagem, numa relação de interdependência, ao mesmo tempo que se procura que cada um se aproprie individualmente dessa aprendizagem, construindo, então, a sua própria identidade.

De acordo com Durkheim (citado por Gaspar et al., 2008: 30), a educação dirige-se ao ser social: visa integrar o indivíduo na sociedade, constituindo-se como um elemento fundamental para a manutenção e funcionamento do sistema social. Neste sentido, Gaspar et al. (*idem*) sustentam que o paradigma interpessoal pode ter duas raízes: o modelo de sociedade ou matriz social, ligado a um conceito de sociedade; o desenvolvimento das relações interpessoais, que assentam na comunicação. Então "a interacção desenvolve-se numa sociedade que se assume como o seu referente. [...] A matriz social poderá ser considerada uma determinante na aprendizagem, enquanto a interacção social sustenta essa aprendizagem" (*idem, ibidem*: 40).

Neste contexto, a definição de educação como "acção social, global, unilateral, de natureza unitária e harmónica" (*idem, ibidem*: 31) é algo de fundamental. Para esta construção de conhecimento concorrem as relações sociais, por meio da comunicação, privilegiando-se a linguagem, que, para Vygotsky é "um meio de partilha social" (citado por Gaspar et al., *idem*: 32) através do qual se desenvolvem a interacção e as relações interpessoais, conduzindo a formas distintas de as aprendizagens se realizarem. Daí podermos afirmar que a aprendizagem depende de contextos culturais e históricos diferenciados e visa uma relação dialógica, que leve à autonomia, ao sentido de pertença, de partilha e de construção comum, que configuram uma comunidade, numa permanente relação indivíduo – sociedade.

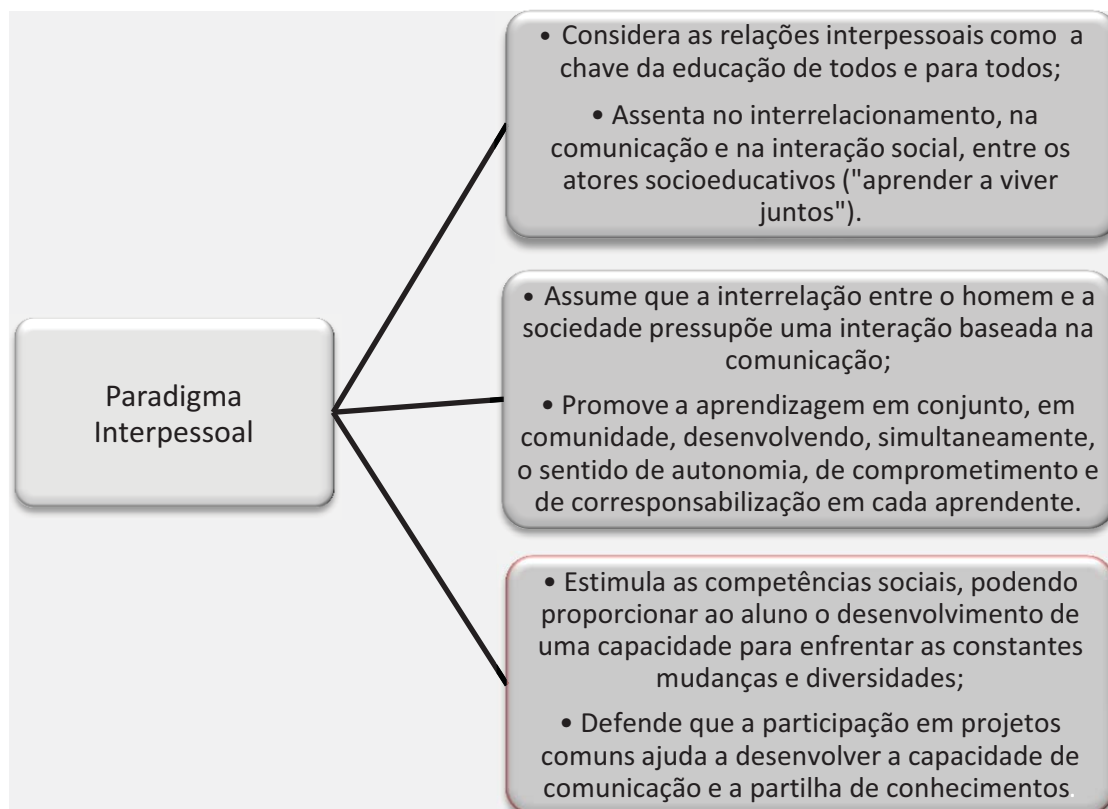
Speck (2002) e Kagan e Kagan (1999), citados por Gaspar et al., (*idem*: 34-35) investigam a aprendizagem social, pela colaboração, surgindo o conceito de comunidades de aprendizagem: a construção do conhecimento num ambiente

modelado, suportado pelas relações interpessoais, em que se gerem o consenso e o conflito pela negociação, implicando comunicação e experiência (construtivismo social). "A dimensão comunitária do indivíduo, responsável pela comunicação e a consecutiva interação" (*idem, ibidem*: 13) constitui a centralidade da raiz do paradigma interpessoal, já que a interrelação entre o homem e a sociedade pressupõe uma interação baseada na comunicação como geradora de outras interações.

A construção social no meio escolar remete-nos para a aprendizagem, fruto das relações interpessoais, confronto de ideias, partilha de saberes e experiências; para a aprendizagem em conjunto, em comunidade, desenvolvendo, simultaneamente, o sentido de autonomia, de comprometimento e de corresponsabilização em cada aprendente.

Na figura 1, sintetizamos algumas das principais características do Paradigma Interpessoal.

Figura 1 – Características dominantes do Paradigma Interpessoal



Em suma, o ambiente escolar torna-se decisivo na construção da aprendizagem e as relações interpessoais consideram-se a chave da educação de todos e para todos. Esta aprendizagem em conjunto, formando uma comunidade, confere sentido e está na génese da aprendizagem colaborativa, sobre a qual nos debruçaremos de seguida.

### **3. A APRENDIZAGEM COLABORATIVA: CARACTERÍSTICAS DOMINANTES**

Das inúmeras definições de aprendizagem colaborativa que encontramos na literatura da especialidade, parece-nos que aquela que Dillenbourg nos fornece, apesar de o próprio a considerar pouco satisfatória, é bastante elucidativa e simples: *“it is a situation in which two or more people learn or attempt to learn something together”* (1999: 1). Ou seja, a ideia relevante que nos parece estar aqui em foco é o aprender em conjunto, já que *“a aprendizagem colaborativa desenvolve-se no âmbito da comunidade que vincula as relações: os seus membros sentem que ensinam uns aos outros e aprendem uns com os outros”* (Gaspar, 2007: 6). Assim, aprender implica também a construção de uma rede social na qual os diversos intervenientes interagem, criando laços e estabelecendo relações sociais e interpessoais, pois *“aprende-se pela troca de ideias e informações, pela discussão, pela crítica recíproca, pelo reforço emocional mútuo – enfim, pela colaboração e pelo diálogo”* (idem, ibidem: 9).

A aprendizagem faz-se através da descoberta, aumentando a motivação para o aprender, e o conhecimento surge assim como uma construção pessoalmente significativa, embora construída no seio do grupo. Segundo Dias *“os aspectos colaborativos são caracterizados pelo mútuo envolvimento nas actividades da comunidade, na partilha do conhecimento entre os seus membros e na participação conjunta na construção das aprendizagens”* (2001: 6). Wiersema vai ainda mais longe quando refere

*CL is a philosophy: working together, building together, learning together, changing together, improving together. It's a philosophy that fits today's globalized world. If different people learn to work together in the classroom, then I believe they will become better citizens of the world. It*

*will be easier for them to interact positively with people who think differently, not only on a local scale, but also world-wide* (2000: 1).

Ao nível da dinâmica de grupo, a aprendizagem colaborativa permite: (i) prosseguir objetivos qualitativamente mais ricos em conteúdo; (ii) desenvolver a interdependência positiva entre os alunos, o que requer que cada um se responsabilize mais pela sua própria aprendizagem e pela aprendizagem do outro; (iii) incentivar os alunos a aprender entre eles, a valorizar os conhecimentos do outro e a tirar partido das experiências das aprendizagens individuais; (iv) possibilitar uma maior aproximação entre os alunos e um maior intercâmbio de ideias no grupo; (v) transformar a aprendizagem numa atividade social; (vi) aumentar a satisfação pessoal pelo trabalho e pela aprendizagem.

Ao centrar o ensino no aluno (Panitz, 1996) ao invés de o centrar no professor, a sala de aula, seja uma sala de aula tradicional ou uma sala de aula virtual, torna-se uma comunidade de aprendizagem, influenciando a motivação, o interesse e a colaboração.

Mas, evidentemente isto

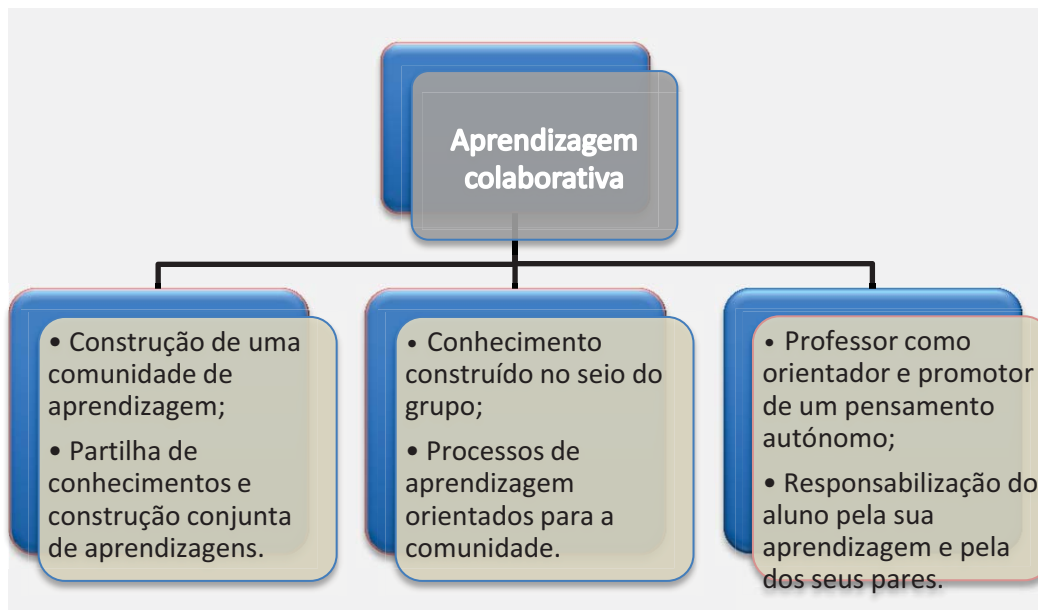
implica que o aluno compreenda o que faz e por que razão o faz, e que tenha consciência, a qualquer nível, do processo que está a seguir; deste modo, poderá prevenir as suas dificuldades e pedir ajuda, se necessário. Deste modo poderá, também, sentir que aprende, o que com certeza o motivará para continuar a esforçar-se (Zabala, 2001: 183).

Nesta aprendizagem, construída de forma autónoma, a presença do professor é uma realidade, e deverá ser uma constante, pois dele depende o sucesso de todo este processo, ajudando a criar a dinâmica de grupo e orientando todo o trabalho, ou seja constituindo-se como um guia em todo este processo (Dias, 2001; Dillenbourg, 1999; Gaspar, 2007; Panitz, 1996; Wiersema, 2000).

Através da figura 2, podemos observar algumas das características distintivas desta aprendizagem.



Figura 2 – A aprendizagem colaborativa – características dominantes



Veremos, de seguida, como estas características se interrelacionam com as características da ferramenta tecnológica – o blogue – que passaremos a expor.

#### 4. O BLOGUE EM CONTEXTO EDUCATIVO

O blogue, enquanto ferramenta tecnológica cada vez mais usada pela sociedade em geral, encontra-se, ainda, pouco difundido em contextos educativos. No entanto, vários são os autores que defendem que esta ferramenta facilita a promoção da vertente de trabalho prático e do trabalho colaborativo, permitindo a criação de ambientes de aprendizagem mais significativos e centrados nos aprendentes. Santamaría González, a este propósito, refere que

*esta herramienta de carácter colaborativo es un instrumento ideal para los alumnos, tiene un carácter motivante, el verse comentado y visto sus artículos por muchos lectores. Debe potenciar el análisis, la reflexión, y a la vez poder compartir experiencias, conocimientos, contenidos va creando en*

*el alumno una entidad de aprender colectivamente, y mientras desarrolla sus entradas (post), se hace dueño de su propio proceso de aprendizaje*

É neste sentido que Davis refere que os blogues *“give students ownership of their own learning. They provide opportunities for their voices to be heard and let them see that people care about what they have to say”* (2008: 1). Além disso, qualquer pessoa, independentemente da sua cultura e dos seus conhecimentos informáticos, já que o blogue é um recurso aberto de fácil utilização, pode criar o seu próprio blogue, de uma forma gratuita e simples e ele pode apresentar-se como um ambiente de aprendizagem colaborativa, constituindo-se como um meio de construção dessa aprendizagem ao propiciar a discussão, a troca de informações e ideias, a motivação para a participação e o estimular do respeito e da responsabilidade entre pares. Citando, novamente, Davis: *“Students working together as a learning community to create a new culture of learning and teaching through blogging positively affects learning in many ways”* (ibidem:1).

Para Amar, o blogue permite que cada um exponha o melhor de si, de uma forma criativa e responsável, implicando uma nova forma de gerir, criar e distribuir conteúdos. Para este autor, o blogue surge como *“una experiencia rica que mira al conocimiento como algo que se construye de forma activa participativa”* (2010: 115). Para além disso, o blogue pode constituir-se como *“una herramienta de publicación, ciertamente creativa, con posibilidades para compartir el conocimiento”* (idem, ibidem: 117), pois a capacidade que oferece em incluir comentários permite que vários autores participem na discussão a partir de uma entrada no blogue. E a colaboração pode começar aqui, pois as mensagens podem ser imediatamente partilhadas, permitindo que todos possam ler e comentar, facilitando a interação e a distribuição, pois tal como refere Amar, o blogue deve ser *“algo interactivo y que provoque interacción”*, salientando a importância do *“diálogo virtual (reflexivo y argumentativo) que se produce entre los diferentes estudiantes com su pertinente intercambio de información y contenidos”* (2010: 114).

Ferdig e Trammell (2004) afirmam que o uso do blogue no campo educativo apresenta várias vantagens, nomeadamente o aumento do interesse dos alunos na aprendizagem

e *“les abre cauces efectivos de participación y les acerca y ofrece nuevas perspectivas dentro y fuera del aula”*. E Barujel vai ainda mais longe, asseverando que *“descubrir a los alumnos a través de sus blogs, resulta una tarea fascinante. Desde el punto de vista del profesorado, permite visualizar el impacto, la forma en que construen su aprendizaje en el recorrido que realizan de la asignatura”* (2005: 21).

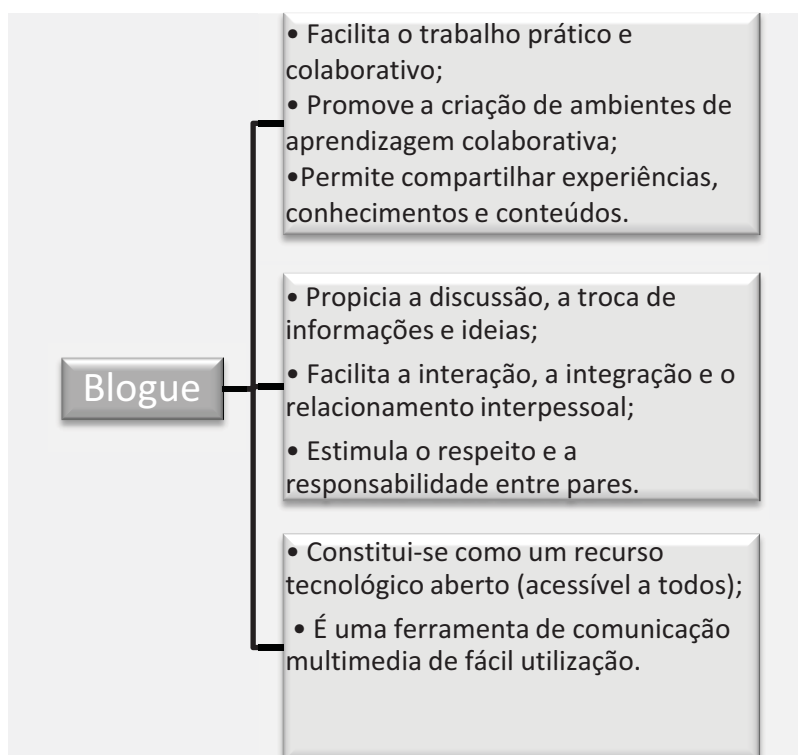
Tendo em conta todas estas opiniões e a nossa experiência, consideramos que o blogue pode constituir-se como uma ferramenta tecnológica que propicie um espaço de reflexão, de interação e de colaboração, facilitando as aprendizagens, a integração e o relacionamento interpessoal, aspetos relevantes na promoção do gosto pela leitura e pela escrita junto dos alunos, atendendo à aprendizagem da Língua Portuguesa, que podemos considerar como *“a pedra basilar do currículo, não sendo por acaso que se considera o seu domínio uma formação transdisciplinar”* (Valadares, 2002: 32) e admitindo que o trabalho com o blogue permite aprofundar. Importará ter presente que as publicações colocadas no blogue e os respetivos comentários implicam que o aluno ponha por escrito as suas ideias, sínteses ou comentários. E, este ato envolve um trabalho de reflexão, de escrita cuidada que facilitará a aprendizagem da língua materna e a socialização.

Ao entender os processos colaborativos como essenciais para o desenvolvimento humano, ou seja, como bases sobre as quais as comunidades se devem construir, sublinhando-se o ‘aprender a ser’, pelo crescimento e aprendizagem, e o ‘aprender a estar’ ou ‘aprender a viver juntos’, pela participação em projetos comuns, pela cooperação e, depois, pela colaboração, elege-se esta ferramenta como um meio de alcançar esse mesmo desenvolvimento e integração social. Com efeito, através do blogue é possível atender aos interesses dos alunos que aprendem a responsabilizar-se pelas suas tarefas; a pesquisa pessoal que leva os alunos a aprender a aprender; a partilha e a colaboração com o grupo; a socialização e o desenvolvimento de relações afetivas e o aprender a expor e justificar as suas opções e pontos de vista. Neste contexto, cada indivíduo contribui com as suas experiências e conhecimentos para a construção de saberes, mobilizando os conhecimentos que já detinha, transpondo-os e

formando constantemente novos conhecimentos, ou seja, mudando o seu próprio saber, através da interação social e da interpretação coletiva do meio envolvente.

Na figura 3 podemos verificar uma síntese das vantagens que acabámos de elencar sobre esta ferramenta de comunicação educacional.

Figura 3 – Principais vantagens do blogue em contexto educativo



Assumindo estas vantagens, temos vindo (desde o ano letivo 2007/2008) a utilizar esta ferramenta de comunicação educacional como suporte à disciplina de História e à Área Curricular Não Disciplinar de Formação Cívica. A construção do(s) blogue(s) teve como principais objetivos apoiar o processo educativo, permitindo aos alunos a publicação dos trabalhos que realizavam, de forma a que os pares os pudessem ler e comentar e funcionar como um espaço de reflexão e partilha de materiais sobre a disciplina. Não foi nunca, no entanto, nosso propósito transformar o blogue num repositório de

textos, atividades e tarefas escolares (apesar de também o termos aproveitado para essa função), mas sim torná-lo um espaço de aprendizagem conjunta.

Se no início não houve uma grande receptividade e as participações dos alunos foram muito reduzidas, verificámos que à medida que o tempo passava o hábito de ir ao blogue, «ver as novidades», acrescentar uma informação ou um comentário, foi aumentando até que se tornou uma tarefa diária. E, rapidamente, o colocar um trabalho, um relatório, ou mesmo um relato de uma visita de estudo se tornou uma rotina, sobretudo quando se aperceberam da facilidade com que divulgavam o seu trabalho enriquecido com fotografias, vídeos e links, fazendo com que fosse mais facilmente lido por todos. Os comentários não tardaram e o facto de saberem que a professora estava presente, mas tinha deixado de ser o único emissor, também contribuiu para a interação que se foi estabelecendo entre os elementos da turma. Poderemos afirmar que esta ferramenta teve também como vantagem, além de se constituir como um auxiliar interativo da disciplina, permitindo a construção do conhecimento e a comunicação assíncrona, o fortalecimento das relações interpessoais, criando laços duradouros de amizade e companheirismo.

## **5. REFLEXÃO FINAL**

Percorrendo o caminho da educação ao longo do último século, verificamos que esta "foi perdendo o sentido da unilateralidade do ensino e a percepção de algo com características de simplismo e de simplicidade" (Gaspar et al., 2008: 29). A realidade educativa surge-nos, assim, como uma atividade complexa e o ato de ensinar/aprender ultrapassa a dimensão bilateral professor/aluno, desenvolvendo-se em vários sentidos e direções. No interior desta complexidade coexistem diferentes olhares e sentimentos, diferentes culturas e daí emerge o paradigma interpessoal, assente no interrelacionamento, na comunicação e na interação social, entre todos os atores socioeducativos, que se focaliza na noção de aprendizagem que procura atingir o "aprender a viver juntos", um dos alicerces da Educação para o séc. XXI (Delors et al., 1996).

Assim, a educação atual e a sociedade do conhecimento conferem uma inegável relevância ao paradigma interpessoal, uma vez que na escola se encontram vários

públicos, com características e aspirações tão diferentes, exigindo, por isso, um repensar dos atos de ensinar e aprender como construções sociais, em comunidade e pressupondo a interação em contextos muito diferentes – formais, não formais, presenciais e a distância. Podemos mesmo afirmar que, por referência às linhas estruturantes deste paradigma, o professor, ao ser capaz de gerir as suas práticas em função das necessidades educativas de todos os seus alunos, poderá contribuir, também, para a educação plena do ser humano, no sentido do bem-estar geral da Humanidade. A comunicação e a colaboração assumem, neste contexto, um enorme protagonismo, no desenvolvimento de atitudes humanistas, de cariz integrador. Ballion (1991, citado por Vilhena, 1999: 88) refere que socializar a geração mais nova constitui-se, efetivamente, como “a primeira missão da escola”, e a educação surge como um meio que permite “a inscrição do indivíduo na sociedade”.

Nesse sentido, a escola também assume a educação da sociedade: prepara cidadãos para a mudança, conjugando o papel reprodutivo com o construtivo. Neste quadro, o uso do blogue pode constituir-se como um elemento agregador, conduzindo os alunos num processo proativo de inclusão e de socialização dado o seu carácter colaborativo e social. O blogue pode ajudar a que o ensino se centre no aluno, pela via da sua integração em comunidades de aprendizagem, incentivando a motivação, a colaboração e a cooperação e sustentando-se na comunicação, onde professor e alunos interagem num processo comunicacional de construção partilhada, baseado na reflexão conjunta, ancorada nos conhecimentos que cada um possui, para que cada um consolide a sua aprendizagem. Isto significa que professor e aluno, enquanto sujeitos em interação, tornam-se seguros de si pela afirmação de uma interonomia, aproximando-se sem se anularem, sentindo o valor da relação interpessoal que daí decorre, encarando com segurança e confiança a aprendizagem e a realização de si, ou seja, o desenvolvimento do processo de personalização do que aprende e a ação do que ensina orientada para este processo e refletindo-se, também, no seu próprio percurso de vida.

Numa escola que se pretende para todos, a colaboração pode ajudar a reduzir a competição, permitindo que todos os intervenientes no blogue possam conseguir

benefícios relevantes quer a nível académico quer a nível social (Sprinthall & Sprinthall, 1993), sobretudo quando esse blogue é utilizado em contexto de sala de aula. Sendo o «aprender a viver juntos» um dos objetivos centrais do paradigma interpessoal, a educação tem, aqui, um papel importantíssimo, ao estimular a descoberta de si e do outro, fomentando, ao longo da vida, a participação em projetos comuns que podem ajudar a resolver conflitos, a estimular a partilha de conhecimentos e a desenvolver a capacidade de comunicação, fazendo com que o aluno, aja de uma forma interrelacional, fixando valores como a solidariedade e a aceitação e respeito do outro. O trabalho torna-se, então, colaborativo, resultando de uma negociação entre professores e alunos, no sentido de uma construção social do conhecimento e esta aprendizagem colaborativa apresenta-se como uma das tendências mais relevantes deste paradigma, mas também desta ferramenta comunicacional, foco deste artigo – o blogue.

Ao permitir que todos os alunos se envolvam num projeto comum, o blogue facilita a aprendizagem colaborativa, criando oportunidades para que todos trabalhem de uma forma solidária, aprendendo uns com os outros, participando e colaborando em tarefas comuns e aprendendo a valorizar o trabalho de todos. A aquisição destas competências, segundo Arends, é fundamental, pois “são muito importantes na sociedade, já que muito do trabalho adulto é realizado em organizações amplas e interdependentes e as comunidades estão a tornar-se mais globais na sua organização” (1995: 172). Os ambientes colaborativos de aprendizagem, nomeadamente o blogue, apresentam, assim, inúmeras vantagens para os alunos quer a nível pessoal quer a nível do grupo: (i) aumenta as competências sociais, de interação e comunicação; (ii) incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico e a abertura mental; (iii) permite conhecer diferentes temas e adquirir mais e novas informações; (iv) diminui os sentimentos de isolamento e o receio da crítica; (v) aumenta a autoconfiança, a autoestima e a integração no grupo; (vi) aumenta o sentimento de solidariedade e respeito mútuo.

Terminamos com as palavras de Santamaría González, que nos parecem cada vez mais pertinentes e atuais e que focam alguns dos principais aspetos elencados neste artigo:

*La finalidad del proceso educativo es proporcionar a las generaciones jóvenes los conocimientos requeridos para desenvolverse en la sociedad. La educación ha de preparar para la vida y debe integrar la recreación del significado de las cosas, la cooperación, la discusión, la negociación y la resolución de problemas. Para ello habrá que utilizar metodologías activas que favorezcan la interacción entre el alumnado, la integración social, la capacidad de comunicarse, de colaborar, el cambio de actitudes, el desarrollo del pensamiento y el descubrimiento del placer de aprender, al tiempo que se fomenten actitudes de cooperación y solidaridad (2005: 2).*

## REFERÊNCIAS

- Amar, V. (2010). Blog: La escritura sin red. *Educação, Formação & Tecnologias*, 3 (1), 111-119. Consultado a 12 de junho de 2012 em <http://eft.educom.pt>
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Barroso, J. (Org.). (1999). *A Escola entre o Local e o Global – Perspectivas para o Século XXI*. Lisboa: Educa.
- Barujel, A. G. (2005). El uso de weblogs en la docencia universitaria. *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*, 4 (1). Consultado a 12 de junho de 2012 em [http://campusvirtual.unex.es/cala/editio/index.php?journal=relatec&page=article&op=view&path\[\]=173&path\[\]=163](http://campusvirtual.unex.es/cala/editio/index.php?journal=relatec&page=article&op=view&path[]=173&path[]=163)
- Davis, A. (2008). A Vision for Classroom Blogging. *Learning & Leading with Technology*. Consultado a 12 de junho de 2012 em <http://jdorman.wikispaces.com/file/view/A+Vision+for+Classroom+ Blogging.pdf>
- Delors, J. et. al. (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA.
- Dias, P. (2001). Comunidades de Conhecimento e Aprendizagem Colaborativa. *Seminário Redes de Aprendizagem, Redes de Conhecimento*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.



- Dillenbourg, P. (1999). What do you mean by collaborative learning?. In P. Dillenbourg (Ed.). *Collaborative-learning: Cognitive and Computational Approaches*, 1-19. Oxford: Elsevier.
- Ferdig, R. & Trammell, K. (2004). Content Delivery in the Blogosphere. *T H E Journal*, 31(7). Consultado a 14 de junho de 2012 em <http://thejournal.com/Articles/2004/02/01/Content-Delivery-in-the-Blogosphere.aspx>
- Gaspar, M. I. (2007). Aprendizagem colaborativa online. *Jornadas Online sobre Comunidades Virtuais de Aprendizagem, 8/17 de fevereiro de 2007*. Consultado a 11 de junho de 2012 em <http://www.aprende.com.pt/fotos/editor2/gaspar.pdf>
- Gaspar, M. I., Pereira, A., Teixeira, A., & Oliveira, I. (2008). *Paradigmas no Ensino e Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação*, Vol.2 (2), 49-65.
- Panitz, T. (1996). A Definition of Collaborative vs Cooperative Learning. Consultado a 12 de junho em [www.londonmet.ac.uk/deliberations/collaborative-learning/panitz-paper.cfm](http://www.londonmet.ac.uk/deliberations/collaborative-learning/panitz-paper.cfm)
- Pinto, M. L. da S. (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*. Porto: Edições ASA.
- Santamaría González, F. (2005). Herramientas colaborativas para la enseñanza usando tecnologías web: weblogs, redes sociales, wikis, web 2.0. Consultado a 12 de junho de 2012 em [www.gabinetedeinformatica.net/descargas/herramientas\\_colaborativas2.pdf](http://www.gabinetedeinformatica.net/descargas/herramientas_colaborativas2.pdf)
- Speck, Bruce W. (2002). Learning-Teaching-Assessment Paradigms and the on-line classroom. *New Directions for Teaching and Learning*, n. 91, Fall 2002 pp. 5-18. Wiley Periodicals, Inc.
- Sprinthall N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Valadares, L. M. (2003). *Transversalidade da Língua Portuguesa*. Porto: Edições ASA.
- Vilhena, T. (1999). *Avaliar o extracurricular*. Porto: Edições ASA.

Wiersema, N. (2000). How does Collaborative Learning actually work in a classroom and how do students react to it? A Brief Reflection. Consultado a 12 de junho em [www.londonmet.ac.uk/deliberations/collaborative-learning/wiersema.cfm](http://www.londonmet.ac.uk/deliberations/collaborative-learning/wiersema.cfm)

Zabala, A. (2001). Os pontos de vista didáticos. In César Coll et al. *O construtivismo na sala de aula*. Porto: Edições ASA.